

O fato de uma idéia emanar de uma determinada classe, ou estar de acôrdo com seus interesses, é claro que não constitui prova de sua exatidão ou falsidade. Mas sua influência histórica depende exatamente dessas coisas. O fato de as novas teorias da evolução terem sido rapidamente aceitas pelas massas populares, que não tinham qualquer possibilidade de submetê-las à prova, mostra que elas correspondiam a necessidades profundas dessas classes. De um lado, tais teorias — e isso lhes deu valor para as classes revolucionárias — aboliram, de forma muito mais radical do que as velhas teorias da catástrofe, toda a necessidade de se admitir uma força sobrenatural que tivesse criado o mundo através de atos sucessivos. Por outro lado — e isso agradava extremamente à burguesia — declaravam que todas as revoluções e catástrofes eram algo anormal, contrário às leis da natureza e totalmente absurdo. Quem procura hoje atacar cientificamente a revolução, o faz em nome da teoria da evolução, demonstrando que a natureza não dá saltos, que conseqüentemente qualquer modificação nas relações sociais é impossível, que o progresso só se faz através da acumulação de pequenas modificações e leves melhorias, chamadas de reformas sociais. Vista sob esse ângulo, a revolução é uma concepção não-científica, em relação à qual a pessoas cientificamente cultas devem apenas sacudir os ombros.

Podéríamos responder que a analogia entre as leis naturais e as sociais não é perfeita. Na verdade, nossa concepção de uma dessas esferas influenciará inconscientemente a outra, como já vimos. Isso não constitui, porém, uma vantagem, sendo melhor restringir do que favorecer essa transferência das leis de uma esfera para outra. Na verdade, todo o progresso em métodos de observação e compreensão de uma esfera pode melhorar, e melhorará, nossos métodos e compreensão das outras, mas é igualmente certo que dentro de cada uma dessas esferas há leis peculiares que não se aplicam às outras.

Em primeiro lugar, devemos notar a distinção fundamental entre a natureza animada e a inanimada. Ninguém pretenderia, à base da semelhança exterior, transferir sem modificações uma lei aplicável a uma dessas esferas. Ninguém pretenderia resolver os problemas da reprodução sexual e da hereditariedade pelas leis da filiação química. O mesmo erro, porém, é cometido quando as leis naturais são aplicadas diretamente à sociedade, como ocorre por exemplo quando a competição é justificada como na necessidade natural, devido à lei da luta pela sobrevivên-

cia, ou quando as leis da evolução natural são invocadas para mostrar a impossibilidade de revolução social.

Há, ainda, mais a ser dito em resposta. Se a antiga teoria da catástrofe desapareceu para sempre das Ciências Naturais, a nova teoria que faz da evolução apenas uma seqüência de pequenas modificações insignificantes encontra objeções ainda mais sérias. Temos, de um lado, a tendência crescente em favor das teorias quietistas, conservadoras, que reduzem a própria evolução a um mínimo; por outro lado, os fatos nos levam a atribuir uma importância cada vez maior às catástrofes, no desenvolvimento natural. Isto se aplica igualmente às teorias geológicas de Lyell e à evolução orgânica de Darwin.

Decorreu daí uma espécie de síntese entre as antigas teorias da catástrofe e as novas teorias evolucionárias, semelhante à síntese que encontramos no marxismo. Tal como êsse distingue entre o desenvolvimento econômico gradual e a súbita transformação da superestrutura jurídica e política, também muitas das novas teorias biológicas e geológicas admitem, juntamente com a lenta acumulação de alterações pequenas, infinitesimais mesmas, também as transformações súbitas e profundas — catástrofes — que surgem da evolução mais lenta.

Um exemplo notável disso é proporcionado pelas observações feitas por De Vries e apresentadas ao último Congresso de Ciências Naturais realizado em Hamburgo. Descobriu êle que as espécies de plantas e animais continuam inalteradas durante um longo período; algumas desaparecem finalmente, quando se tornaram demasiado velhas para se adaptarem às condições de existência, que durante êsse tempo se modificaram. Outras espécies são mais afortunadas: “explodem” súbitamente, como êle mesmo disse, para dar vida a incontáveis formas novas, algumas das quais continuam e se multiplicam, enquanto outras, não se adaptando às condições de existência, desaparecem.

Não tenho intenção de chegar a uma conclusão em favor da revolução, partindo dessas novas observações. Isto seria cair no mesmo erro dos que argumentam pela rejeição da revolução, partindo da teoria da evolução. Essas observações, porém, mostram pelo menos que os cientistas mesmos não concordam com o papel desempenhado pelas catástrofes na evolução orgânica e geológica, e por essa razão seria um erro tentar chegar a quaisquer confusões fixas, partindo de qualquer dessas hipóteses, sobre o papel desempenhado pela revolução no desenvolvimento social.